

ANGYONE COSTA

A INQUIETAÇÃO DAS ABELHAS

(O que pensam e o que dizem os nossos
pintores, esculptores, architectos e
gravadores, sobre as artes plasticas
no Brasil)



Rio de Janeiro
PIMENTA DE MELLO & CIA.

1927

Texto disponível no site: <http://www.dezenovevinte.net/>

Os irmãos
Bernardelli



Rodolpho Bernardelli n'uma das salas do seu "atelier"

A INQUIETAÇÃO DAS ABELHAS

Dez e meia horas. Copacabana inundada de sol, como se Junho se transformasse num luminoso Setembro.

Nem cerração, nem céu toldado, nem a bruma propria do mez, na alegria dessa praia fascinadora.

Batemos o tympano. Uma graciosa mocinha, que vae sahindo, paleta e pinceis sob o braço, informa que o mestre está lá dentro. Entramos sem prévio annuncio. Passamos a primeira peça e nos achamos em pleno salão de trabalhos, onde o escultor, cercado de alumnas, se encontra.

Dizemos quem somos e o que queremos. Rodolpho Bernardelli, o illustre professor Bernardelli, mestre ha cincoenta annos, não se escusa.

Diz que está velho e desencantado. Mas não pôde negar-se á nossa curiosidade. E' um homem publico e por isso não tem o direito de fugir á notoriedade. Diz que isso não o impede de affirmar sempre ás suas alumnas que, louros... só na panella!

Sorrimos. O professor Bernardelli nos põe á vontade.

E começa a nos mostrar os compartimentos da casa, aquelle famoso edificio da beira-mar, que tanto intriga o espirito perquiridor dos curiosos.

O Rio todo o conhece. E' o bello predio renascimento Toscano, plantado em plenos arciaes da avenida Atlantica, em 1908, quando era uma temeridade qualquer pessoa por alli se abalançar. Situado no canto da rua Belfort Roxo, interessa a toda gente que passa, não só pelo seu aspecto de residencia nobre, de caracter severo, como principalmente, pela grande e formosa estatua de Rio Branco, em tamanho maior que o natural, plantada ao centro do jardim.

— Porque essa estatua permanece alli?

Geralmente a casa provoca a pergunta.

E as respostas, mais dispaes, não se fazem esperar.

— Não sabes? E' a casa onde o Rio Branco nasceu...

Ou então, confidencial:

— Aqui noivou e casou o Barão...

INTERIOR QUE E' UMA OFFICINA DE TRABALHO

Mas, acompanhemos o mestre que nos fala carinhosamente da sua casa e dos seus trabalhos:

— Isto não é um atelier. E' um deposito. Um immenso armazem abarrotado. Já não ha lugar onde collocar estatuas...

E vae nos mostrando. Aquella é a "maquette" do Christo e a adúltera. Aquella outra, um esboço inacabado.

Mais adeante, um trabalho encommendado, que nunca foi procurado...

Interrompemos:

— Nem pago?

— Nem pago, meu amigo. Deste genero, temos innumerados aqui. Chegam para uma galeria. Alguns já têm direito a serem recolhidos ao Museu.

Está vendo este?

É a "maquette" do monumento a Benjamin Constant, que o governo provisório, por decreto não revogado, me autorizou a fazer, demarcando logar alli defronte ao portão principal do Quartel General, onde agora, dois metros mais adeante, se levanta um novo trabalho, que eu podia ter embargado...

Tenho o decreto e fui autorizado a retirar do Banco mil contos para as obras, autorização de que não me servi porque me era dada por um governo transitorio...

— Mas, professor, porque não construiu, depois, o monumento?

— Ah! meu caro. Depois, veiu o periodo revolucionario de Floriano, mais tarde o governo de Prudente. Serenados os animos, procurei executar a encommenda. Prudente me informou que tinha trezentos mil contos a pagar... Não era possivel falar em despesas adiaveis... E eu fui esperando, até que não pensei mais nisso...

Neste ponto da palestra o professor Rodolpho Bernardelli attende a uma alumna que o procura. São varias moças, das mais distinctas familias do bairro, que vão, diariamente, ouvir as lições do mestre.

Não é preciso grande alcance de visão para verificar-se que as alumnas idolatram o grande artista, sentem por elle uma affeição quasi filial. Ao conhecerem a intenção da nossa visita, acclamaram o mestre numa esfusiante e communicativa alegria enternecedora.

Eram, no momento, tres moças e um rapaz, todos attentos á modelagem, despercebidos da vida, que fóra rumorejava. A parte central do "atelier" tem,ahi grande altura, acompanhando o tecto do edificio.

As paredes estão cobertas de modelos, trabalhos encommendados, "maquettes" de obras fundidas, esboços em barro e em gesso, modelos em tamanho natural, outros reduzidos e ainda outros talhados em maiores proporções. Muitos já passaram para o bronze e embellezam praças e jardins nesta capital e nos Estados, enquanto outros tiveram a finalidade de envelhecer para alli, a um canto, sem a gloria da consagração da praça publica. Viveram apenas para a admiração da alma sonhadora de quem os creou e vão envelhecendo, lentamente, sósinhos, condemnados ao destino obscuro das cousas inuteis... As moças, com um precoce ar de gravidade, debruçam-se sobre os cavalletes gyratorios, na ansia de tirar do barro a perfeição que leve ao espirito de cada uma a certeza de que a scintilla do genio as illumina.

Mas, agora, descobrimos um gesso muito conhecido nosso, obra prima da estatuaria brasileira. Não ha quem o não conheça. Aquellas linhas, aquelle sorriso de provocação e luxuria, os contornos imperfeitos accusando a lucta a que se entregam tres raças em fusão e caldeamento, não podem



„DEPRATO“

H. Bernardelli

ser de outra senão de Faceira, o bronze considerado flôr de expressão humana que o cinzél de Bernardelli produziu.

Indagamos da idade de Faceira. Rodolpho Bernardelli, com aquelle fino olhar, penetrante e intelligente, informa que é trabalho antigo e como attribuíamos ao artista quarenta annos de vida pinctórica, elle affirma que, já no estrangeiro, na exposição commemorativa do centenario da independencia americana, em 1876, obteve premio com trabalhos seus.

Não occultamos a nossa surpresa sympathica e, a um olhar mais curioso, Bernardelli nos informa que a sua idade é passadismo, que elle conta por lustros, já tendo sommado quinze... Elogiamos a fresca mocidade do seu rosto veneravel e indagamos-lhe dos habitos.

— Sobrio, pautado, methodico. Jámais fiz bohemia, como aliás todos os artistas, antes do apparecimento de um livro que reputo — assassino — Vida de Bohemia, de Murger. Este livro, só, fez mais victimas que uma epidemia. Antes delle os artistas não se inutilizavam. Não havia bohemia. E Bernardelli rematou o seu juizo com um olhar de profunda bondade e tolerancia, para todos os erros humanos...

Ainda havia, porém, muito que ver. Bernardelli abre uma porta, mostra-nos um dos pateos da linda casa, que deita para o oceano e dalli contemplamos as pinturas, afresco, que lhe ornamentam a fachada. São preciosas cabeças de artistas celebres, pintadas por Henrique Bernardelli, Eugenio Latour e Salinas, pintor hespanhol já fallecido, que residiu algum tempo no Brasil. E rematando essas recordações, diz que foi contra a sua vontade que erigiu essa casa assim vistosa, porquanto sua intenção era apenas construir um barracão habitavel, onde fosse possivel montar o seu "atelier" de trabalho.

E Bernardelli continúa:

— Sylvio Rebecchi, meu grande amigo, se oppuzera. Latour e Henrique tambem tinham protestado e, por causa disto, ha pouco tempo o lançador da Prefeitura apparecera por lá, querendo augmentar a taxação predial para dois contos annuaes, considerando-a palacio. Veja só. Palacio que apenas possui dois dormitorios, um gabinete de banhos e duas pequenas salas! Tudo aqui, como vê, é casa de labor, de trabalho, "atelier", sómente.

Mas ainda não nos tinhamos avistado com Henrique Bernardelli. O notavel artista installou-se no andar superior, do qual a maior parte é occupada pelo seu "atelier". Subimos uma pequena escada. Estamos em plena tenda, onde o pintor assiste, cercado por uma rumorejante multidão de moças, que enchem essa parte da casa de extranha animação e vivacidade. Apparecemos de surpresa. Num momento, todas nos olham, perquirindo o que vem fazer o intruso. O professor Rodolpho, que nos acompanha, socega os afflictos corações assustados. E' uma visita da imprensa. Vamos tirar uma "pose". E uma nuvem impalpavel de faceirice invade mansamente o ambiente.

Estão alli reunidos os nomes femininos mais brilhantes do Rio de Janeiro. Artistas por temperamento, aquellas moças procuram fazer desenvolver, sob a direcção do mestre famoso, os brotos incipientes do genio.

Henrique Bernardelli, que se acha no compartimento proximo, entra e é aclamado, e reclamado por todas, que disputam ao mestre a preferencia de collocação ao seu lado.

A sala é larga, ampla, com a luz rigorosamente calculada.

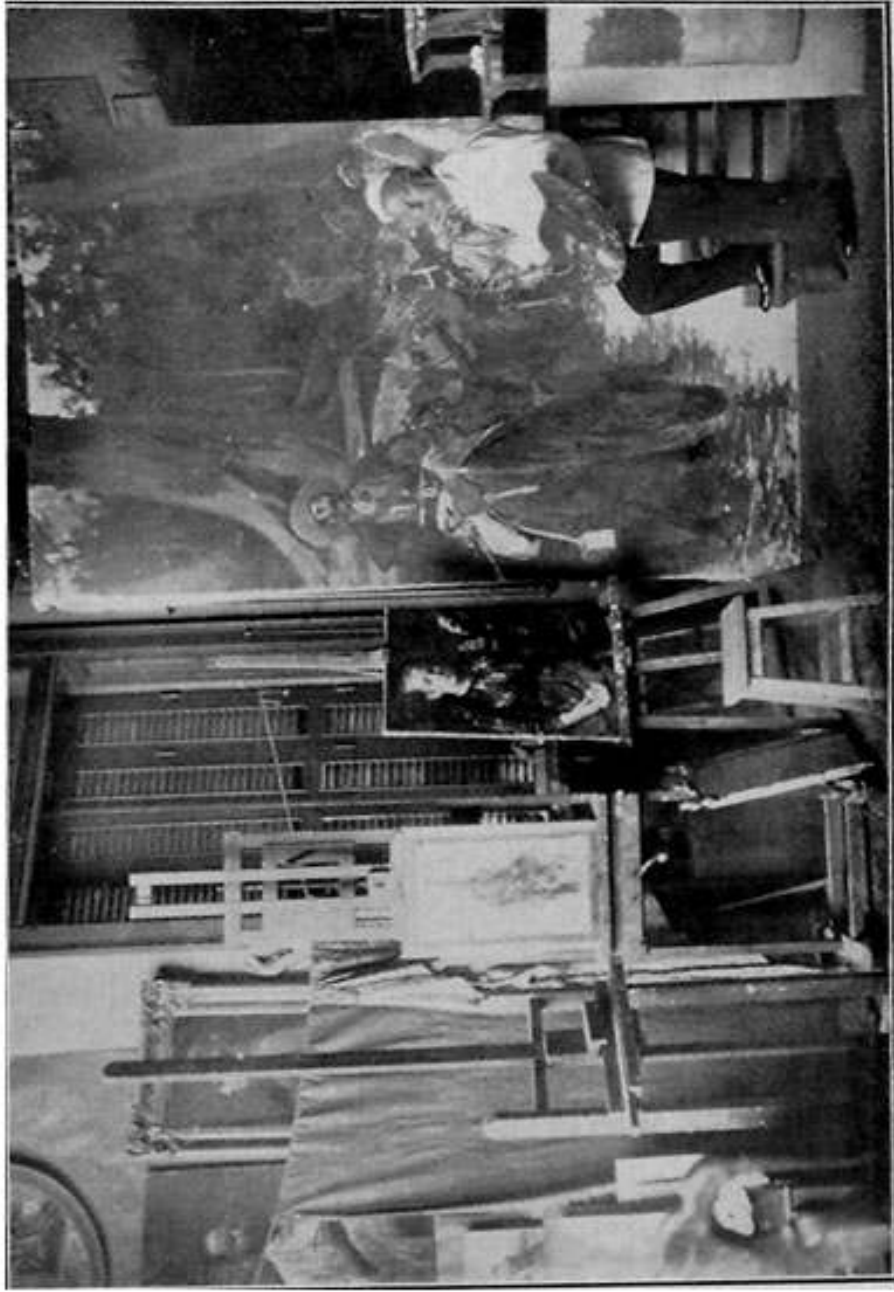
Como no "atelier" de esculptura, vêm-se telas em todos os logares, nas paredes, sob prateleiras, no chão, nos cavalletes, em cima de bancos. O espaço que sobra é occupado pelas moças, entregues, áquella hora matinal, ao mais vivo labor.

Henrique Bernardelli, feitas as apresentações, vae tomando logar junto a um quadro que necessita de retoques e é nessa attitude que a nossa objectiva o apanha, numa feliz combinação em que todas as alumnas apparecem. Já é tarde, porém. Urge revistar a parte do "atelier", reservada exclusivamente aos trabalhos do mestre. E em pouco nos achamos nesse outro compartimento, onde Henrique Bernardelli tem produzido as suas primorosas telas, nos ultimos vinte annos de labor. Tem produzido e continúa a produzir. Agora mesmo, ergue-se no segundo plano uma grande tela, A passagem dos bandeirantes, em que as qualidades admiraveis do pintor se affirmam, com a mesma segurança dos seus trabalhos anteriores. E' este ponto digno de toda a observação e estudo: os irmãos Bernardelli não envelhecem para a arte, enfeitam-se com uma frescura de tons e perfeição de traços, difficeis de assegurar em sua idade.

Com elles não occorre o phenomeno da decadencia. Mantêm aquella segurança de visão interior que zomba do tempo e permite que o seu trabalho maldoso e damninho se faça, sem deixar recordações deploraveis. Os Bernardelli são o mesmo esculptor e pintor da maturidade e do apogeu. Os marmores de um, como as telas do outro, revestem o character firme dos talentos em plena sazão. Debalde poderá procurar-se nelles o traço mesmo subtil que assignale a descida. Tudo alli é o triumpho imperativo da vontade coordenada. Os dois artistas dão a impressão da linha obliqua, na maneira de ser de cada um, na simplicidade firme com que expõem idéas, ou na grave austeridade dos trabalhos que sahem da sua officina. E' preciso ter vivido uma grande vida interior para attingir ao estado de serena renuncia em que vivem as duas almas. Afóra os amplos "ateliers", o lar dos Bernardelli é composto de quatro peças, de aspecto simples e grave, perfeitamente talhadas para uma existencia de repouso e meditação.

Duas salas, uma transformada em gabinete de trabalho, outra conservada como sala de receber os poucos intimos que frequentam a casa. Dois dormitorios singelos como deve ser na intimidade a vida dessas duas creaturas. No de Rodolpho Bernardelli, um leito severo e amplo, um guarda-fato, do mesmo estylo, uma cadeira, nada mais.

No de Henrique, além dessas tres peças, uma mesa baixa e esguia, onde ha pequenos quadros, retratos de familia, objectos de uso diario, tudo arrumado, em rigorosa ordem.



Henrique Bernardelli ultimando uma grande tela da época da conquista

Nas salas, discreto bom gosto. Os moveis, pesados e antigos, talhados em jacarandá. A côr escura empresta-lhes um caracter de gravidade severa, que as "manchas", quadros e retratos, das paredes, attenuam. Sobre o sofá da sala de receber ha quatro pequenos quadros, de Felix Bernardelli, outro artista, irmão de Rodolpho e Henrique, que cedo deixou a vida. São trabalhos de pouco vulto, mas onde se accentuam as qualidades de Felix, cuja sombra a gente presente na saudade daquellas almas amigas.



"CHRISTO E A ADULTERA"
De Bernardelli